

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DA MARGINALIZAÇÃO AO PRESENTE: TRAJETÓRIA E TERRITORIALIDADE DOS IDOSOS NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Gustavo Henrique de Oliveira Caldas

Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

gustavohocaldas@yahoo.com.br

Introdução

“Para se voltar à juventude,
basta que se repitam as
mesmas loucuras.”
(WILDE, Oscar, 2000, p.30)

Minha pesquisa tem por proposta investigar a maneira pela qual as obras cinematográficas constroem e reformulam o espaço destinado ao idoso no Brasil recente. O objetivo é identificar os usos das imagens dos idosos no espaço público por meio do cinema e trabalhar pela sua desconstrução voltada a transformação social, histórica e filosófica positiva que crie uma nova forma de ver uma importante parte da população do Brasil. Dessa ideia, surgiram alguns questionamentos: quais são as mudanças das práticas de espaços para os sujeitos da terceira idade nos filmes brasileiros entre 1997 e 2020? Como estes sujeitos foram marginalizados ou passaram a ser protagonistas de trajetórias de vidas socialmente organizadas segundo seus papéis sociais? Qual a relação dessa situação com as políticas públicas e mudanças de concepções sociais da velhice no Brasil recente? É verdade que outras formas de expressão cultural também contribuem com essas mudanças e dão o pontapé inicial para transformações, contudo o cinema encontra-se mais próximo do público leigo e, quando certos espaços e práticas espaciais associadas com a velhice aí se manifestam, significa que estão mais próximos de se constituírem como hegemônicos. Tentarei responder a essas inquietações durante o processo de elaboração desse artigo.

Entretanto, como essa ideia surgiu? Por volta de 2019, surgiu, nas telas do cinema, um filme brasileiro intitulado *Greta*, estrelado por Marco Nanini, além de ser

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dirigido e escrito por Armando Praça, cuja obra desconhecia naquele momento. Imaginava que seria uma releitura da peça de teatro *Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá*, porque o diretor havia falado que a teria assistido. Essa peça conta, de forma cômica, a história do relacionamento de Pedro, um enfermeiro homossexual, com Renato, um jovem pobre do interior que passa a depender financeiramente de Pedro. Apesar de ser uma inovação para a época, a peça mantinha um espaço cativo para homossexuais no campo do riso, do chiste, do humor e até mesmo da chacota.

Ao assistir ao filme *Greta*, percebi que uma outra abordagem temática estava sendo aplicada. Estava diante de mim uma outra espacialidade, na qual estava inserida uma personagem não só homossexual, mas também um idoso de mesmo nome Pedro que atuava como enfermeiro. Daniela era a única amiga de Pedro e uma idosa transexual detentora de uma doença incurável, sendo que, no final do filme, opta pela eutanásia realizada pelo enfermeiro, depois que este último rejeita a ideia por muito tempo. Temos, portanto, a questão da terminalidade da vida que está muito presente na vida dos idosos, além de estar imiscuída com a temática da solidão, a qual é agravada ainda mais pela orientação sexual das personagens inseridas num determinado contexto social.

A partir do ano de 1970, o Brasil vivenciou a queda das taxas de fecundidade. Isso tudo associado à queda das taxas de mortalidade, em virtude do desenvolvimento da Medicina, levou ao aumento da expectativa de vida e uma alteração na proporção dos diversos grupos etários no total da população. Em 1940, a população idosa representava 4,1% da população total brasileira e passou a representar 11% em 2010. Houve um aumento, em termos absolutos, de 1,7 milhão para 20,6 milhões no mesmo período, diminuindo, por consequência, a proporção da população jovem. (CAMARANO; KANSO, 2016) Essas situações demandam políticas públicas, inclusive na área cultural, o que justifica, em parte, a ascendência da temática nos diversos campos do conhecimento e nas próprias expressões culturais como literatura e cinema.

Voltando ao caso de Pedro do filme *Greta*, percebemos que muitas de suas dificuldades ao longo da película advêm das normatizações de um panorama heteronormativo com relação ao envelhecimento e a velhice. Essas práticas tendem a enxergar o idoso como indivíduo assexuado e, muito menos, aceitam outras identidades sexuais e de gênero por parte dos idosos que diverjam das referências normativas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estabelecidas. (HENNING, 2017). É a primeira geração de idosos que poderão livremente manifestar suas identidades sexuais e ter um local de discurso próprio como uma espécie de prática política que transforma relações sociais, a partir da reformulação de demandas sociais (PÊCHEUX, 1995).

Para os idosos e idosas, a redução substancial da interação dos socialmente diferentes pode resultar em restrição de interações, ou mais precisamente segregação. Esse fato gera riscos para a integração de uma sociedade e prejuízo para todos a longo prazo, na medida em que se formam nichos de espacialidade completamente desconectados uns dos outros e prejudiciais para as atividades comunicativas e sociais (MORAES NETTO, 2013). Sendo assim, as películas, que precisariam ser escolhidas juntamente com *Greta*, deveriam apresentar, dentre as personagens, idosos que são um grupo naturalmente vítimas de ageísmo, mas e se fôssemos um pouco mais longe? E se parássemos para analisar a situação de subgrupos dentro desse grande grupo como: idosos negros, mulheres idosas, idosos de classes sociais desfavorecidas, homossexuais idosos, transexuais idosos? O problema torna-se mais sério ainda, uma vez que, para uma parte considerável da sociedade, talvez alguns desses subgrupos sequer existam como narrativas/imagens no espaço público, ainda que compartilhem de experiências significativas. Muitas pessoas nem cogitam essa possibilidade. O ideário do indivíduo idoso habita um pensamento neoliberal de consumo restrito em possibilidades, sendo preciso atuar na desconstrução da idade cronológica como elemento determinante de comportamentos e estilos de vida, uma vez que a própria ciência fala muito mais de idade biológica¹. A combinação desses novos questionamentos ampliou o escopo inicial dessa pesquisa.

Dentro dessa perspectiva, selecionamos o filme *Chega de Saudade* que se passa num clube de dança com diferentes pessoas, dentre elas, alguns idosos (idosos negros, idosos com doenças físicas e psíquicas) detentores de variadas trajetórias de vida numa realidade bastante diversificada e rica em significados. A outra película é *Central do Brasil* que narra uma história em que Dora (professora idosa e aposentada) leva Josué

¹ É um indicador de tempo que resta a uma pessoa para viver num determinado momento de sua vida e que possui relação com o grau de conservação da capacidade adaptativa em comparação com a idade cronológica. Sendo assim, gênero, classe social, saúde, educação, fatores de personalidade entre outros são importantes fatores que se misturam para definir as diferenças etárias entre idosos (BATISTONI; NAMBA, 2010).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(um garoto de 9 anos) para a companhia do seu pai no Nordeste, já que a mãe do garoto morreu atropelada e ele não tem mais parentes no Rio de Janeiro. Dora é uma mulher idosa e solitária que enfrenta diversos preconceitos. Basta que nos lembremos de uma frase destinada a ela numa passagem do filme: “A velha também está bêbada”.

A realidade representada nessas obras culturais selecionadas para esta pesquisa apresenta certas espacialidades tradicionais geralmente associadas ao idoso (a reclusão, a inatividade, a segregação etc.), mas também, de maneira mais explícita ou implícita, documenta modificações nessas imagens; evidenciando que não se materializaram ainda, nos nossos dias atuais, os anseios de inclusão social de idosos, apesar do grande avanço que tivemos em relação ao passado. Contudo, é tarefa de cada um de nós trabalharmos em direção à perspectiva almejada para os idosos e as subdivisões sociais que estão inseridas dentro desse grupo, atuando contra o esquecimento e a cegueira coletivos destinados a suas práticas de espaços.

Os dizeres espaciais de um tempo

A definição da História, como o estudo do Homem no tempo e no espaço, permitiu uma profunda ampliação do conceito, na medida em que fornece um componente analítico que ultrapassa os limites do passado e abrange diversos tipos de espaço, desde o espaço social, político, passando pelo imaginário (iconografia, literatura, cinema), chegando mais recentemente ao espaço virtual (BARROS, 2006). Dentro dessa perspectiva, percebe-se a possibilidade de interdisciplinaridade com diversos outros campos do saber como: Geografia, Música, Informática, Literatura, Medicina. É exatamente isso que essa pesquisa se propõe a fazer: juntar visões complementares para traçar, nas telas do cinema, a trajetória percorrida por pessoas idosas e alguns dos seus segmentos mais vulneráveis. Para tanto, nós nos deteremos sobre a análise das seguintes películas: *Central do Brasil* (1999), *Chega de Saudade* (2008) e *Greta* (2019).

A nós, interessa uma concepção histórica de espaço, o qual pode ser concebido como o campo produzido por meio das interações sociais, levando-o a funcionar com suas realidades conflituosos ou com seus consensos estabelecidos. Um lugar é caracterizado pela ordem de elementos constitutivos previamente conhecidos e familiares, denotando maior estabilidade (CERTEAU, 1990). Os seres humanos necessitam de espaço e de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

lugar, os quais Certeau e Tuan estabelecem como diferenciações de práticas ou vivências espaciais. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (TUAN, 2015).

Dentro dessa perspectiva, ao indivíduo idoso, é permitida a liberdade ou a ele, é destinado apenas refúgio e dependência? Em *Chega de Saudade*, o filme transcorre num clube de dança de São Paulo, pelo qual passa diversas personagens, inclusive idosos e idosas, como Dona Alice e o senhor Álvaro que constituem um casal. Ele trata Dona Alice muito rispidamente durante o início do filme, sendo até repreendido por outras personagens, enquanto Dona Alice tenta sempre contornar a situação. Até que, num determinado momento, Álvaro sugere que ela não deveria ter amizades com mulheres fáceis, a menos que quisesse ser também uma mulher fácil. Dona Alice perde a paciência e se levanta da mesa. Dona Alice estava, no fundo, defendendo o seu lugar e querendo manter sua autonomia num ambiente ainda muito marcado pelo machismo: um baile em que as mulheres só podem entrar de saia, mas os homens entram da forma como querem; um local em que os homens se vangloriam sobre as diversas garotas que conseguem no baile. Com o tempo, Dona Alice percebe que ainda pode manter seu lugar ao ajudar Álvaro a lidar com as frustrações de seu passado que ainda o atormenta na figura dos grandes conflitos que ele tinha com sua ex-esposa falecida e que ele transfere inconscientemente para Dona Alice.

Toda essa situação, contra qual Dona Alice e outras personagens se rebelam, foi desencadeada em virtude de o sexo feminino ser descrito como um ponto de dependência e inferiorização biológica e cultural. As associações entre homem e mente em detrimento da mulher que é equiparada ao corpo são bem conhecidas da sociedade, na medida em que a mente implicitamente subjuga o corpo. (BUTLER, 2018). A partir disso, é papel de todas as pessoas, que buscam por transformações, pensar as possibilidades sociais, culturais e políticas as categorias prévias de identidade tradicionalmente estipuladas.

A paisagem, por sua vez, remonta a um padrão de visualidade que se mostra ao homem no seu estado de percepção mais espontânea e, por conseguinte, foi sobre ele que o homem primeiramente se debruçou (BARROS, 2006). Em *Central do Brasil*, Dora (uma idosa interpretada por Fernanda Montenegro) e Josué (uma criança) fazem um caminho migratório inverso, saindo da cidade em busca da tão sonhada e idealizada vida

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do campo, aonde Josué encontraria sua família simples composta de carpinteiros e deparar-se-ia romanticamente com sua felicidade, já que a cidade grande juntamente com a maldade do homem havia lhe trazido muito sofrimento. Num local com pouca interferência humana e repleto de paisagens e que remetem à origem natural e, por isso mesmo, com homens idealizados como mais puros, Josué finalmente poderia aproveitar a sua vida, enquanto Dora, apesar de ter passado por sofrimentos similares a Josué, teria que voltar para a verdadeira selva, a cidade. Para Dora já não haveria salvação. Central do Brasil nunca foi indagado pela perspectiva da idade (NAGIB, 2004). Como ela interferiu na compreensão da trama? Que referências de papel da idosa (Dora é mulher e é “velha”) trabalham neste filme? Com que espaços ele é associado? O Brasil estava na década de 1990 e tinha uma longa história de valorização da infância em detrimento da terceira idade. O Nordeste era apresentado de uma maneira convencional, mas, pelo menos, tinha um povo vítima de exclusão mais amigável.

Por outro lado, levar a sério a espacialidade da economia acaba por gerar uma visão dessa questão de classe social muito diferente. Nesta perspectiva, territórios econômicos são produzidos com suas distintas características como tipos específicos de lugares, além disso, a própria conectividade do mundo é produzida, mudando a distância, a conectividade e a espacialidade através da modificação das tecnologias de transporte e comunicações. (MERRIMAN et al, 2012). Isso acarreta espaços diferentes a serem ocupados por classes sociais distintas. Tanto Dora (*Central do Brasil, 1998*) quanto Pedro (*Greta, 2019*) representavam classes sociais menos abastadas que sabiam os seus “devidos lugares” perante a sociedade, apesar de alguma mudança ter ocorrido em termos de tempo.

Por sua vez, Dora também estabelecia uma diferenciação entre ela que era professora primária e, portanto, detentora de uma espécie de poder cultural, e as pessoas analfabetas que pagavam para que ela escrevesse cartas para enviar a parentes. Dora considerava-se um tipo de juíza que definiria o envio da carta ou não, a partir do comportamento moral da pessoa que ditou a carta: a própria mãe de Josué foi condenada por enviar uma carta para seu ex-marido que era um bêbado nas palavras de Dora. Diante disso, percebe-se que foram definidos espaços diferentes: o primeiro ocupado pelas pessoas que detinham o conhecimento e um outro destinado aos analfabetos. Há espaços

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

com diferentes significados nas diferentes culturas que, por sua vez, diferem bastante na elaboração de esquemas espaciais (TUAN, 2015). Talvez isso reconfortasse Dora dentro da vida sofrida que ela levava, mas abre espaço para algo que iremos discutir durante toda essa pesquisa: as exigências para que se pertença ao espaço mais privilegiado são muito altas e são naturalmente dessa forma, para que pouquíssimos o ocupem e, assim, mantenha-se indefinidamente a estrutura secularmente estabelecida.

Essas forças de diferenciação entre as pessoas colocam em risco a urbanidade como experiência de diversidade e complexidade social. Devendo-se salientar a existência de diferentes tipos de urbanidade, inclusive espaços hostis, de repressão, violência e degradação humana, chocando-se com a definição difundida de urbanidade como algo relacionado à civilidade e ao convívio. (MORAES NETTO, 2013). Os filmes selecionados estão inseridos dentro desse contexto do urbanismo das cidades e refletem com relação a certas personagens uma urbanidade excludente que talvez não seja facilmente perceptível, em virtude do ritmo acelerado das cidades. Trata-se de um tempo que incomoda (a velhice) e de um espaço que oprime (aos idosos e idosas). É evidente que, como os próprios filmes mostram, essa realidade modifica-se dependendo das diferentes identidades dos mais diversos grupos. Assumimos, pois, a presença de vários espaços e tempos concomitantes. É óbvio que essa temporalidade e espacialidade atuais vividas pelas personagens são decorrentes de construções espaciais e temporais anteriores e, por isso mesmo, extremamente necessárias ao estudo da História.

Há uma relação dialética entre as categorias espaço e identidade, uma vez que o espaço permite a identificação dos indivíduos com o seu mundo social. Em muitos casos, as ciências humanas ao tratarem do termo identidade se referem a grupos humanos tidos como “periféricos”: índios, gays, negros, movimentos sociais entre outros, já que pesquisadores, cientistas e intelectuais conseguem, ao agir assim, conferir-lhes uma outra oportunidade de poder de fala (PIMENTEL; CARRIERI, 2011). Portanto, a noção de identidade seria uma invenção social da classe que detém o poder e que, a partir daí, delimitaria seu espaço de poder, tomando por base um determinado contexto sócio-histórico e cultural e, conseqüentemente, estabelecendo o lugar dos indesejáveis.

O local dos excluídos é bastante evidente em alguns dos personagens retratados nas películas discutidas como: Pedro e Daniela (*GRETA*, 2019), Dona Alice, Eudes

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(*Chega de Saudade*, 2008). Eudes namorava Marici e combinaram de ir juntos ao baile. Lá, ele conhece Bell (uma garota bem mais jovem que Marici) e passa o baile inteiro tentando ter algum relacionamento com ela, enquanto Marici fica muito triste. Eudes conversa com amigos do salão sobre ter relacionamentos com várias garotas, reproduzindo o discurso tipicamente patriarcal. Ele se achava perfeitamente incluído dentro da sociedade e, portanto, com direito de excluir. Todavia, Marcos, o namorado de Bell, percebe a situação e o confronta ao afirmar que ele deveria ter vergonha, porque Bell tinha idade para ser neta de Eudes e que, se ele continuasse insistindo, iria “encher sua cara de porrada”. Naquele brevíssimo instante, o poderoso homem heterossexual, que guardava elementos machistas em sua personalidade, pode experimentar que também poderia ser vítima de intolerância. No entanto, incapaz de aprender com os acontecimentos, persiste com seu comportamento até o término do filme. Há uma espécie de inflexibilidade mental da qual se precisa fazer muito esforço para alterá-la.

O senhor Eudes não percebeu que o pensamento tradicional e conservador estabelece identidades padrões e ideais e não adianta as pessoas, que não se encaixam nessa realidade, tentarem assimilar esse padrão diferente de sua identidade pessoal inicial. No final, Eudes e outros que seguirem o mesmo caminho sempre serão tratados como diferentes e lembrados de sua inadequação em algum momento. Não existe, nesses termos dabitados, diferenças entre idosos e mulheres quanto à exclusão. As tentativas do senhor Eudes de ser assimilado pela sociedade eram inúteis. Isso demonstra como a falta de reconhecimento do seu próprio espaço impede e até mesmo atrapalha a aquisição de direitos por parte de todos.

Dessa história cinematográfica, depreende-se que existem elementos que atuam para a manutenção e conservação de identidades pré-estabelecidas e identidades produzidas pela interação das pessoas em espaços sociais que reagem contra a estrutura social, visando modificá-la ou mesmo ressignificá-la (PIMENTEL; CARRIERI, 2011). Dessas possibilidades e proibições sociais, emergiria em cada indivíduo uma identidade social, a qual depende de suas concepções individuais e das relações com o outro dentro de um contexto social do sujeito. Para indivíduos que sofrem exclusão social, é exigido que sua identidade social divirja de sua identidade pessoal para a melhor adequação dessa pessoa a sociedade, advindo dessa circunstância problemas de ordem psicológica,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

profissional, financeira, pessoal entre outros, embora já tenhamos afirmado que, no fundo, trata-se de uma atitude inútil.

Esse assunto faz parte de uma reflexão sobre a relação entre sociedade e espaço por meio de territorialidades, de papéis de atores sociais e da relação entre esferas do social, do político e da economia (BULEON, 2002). A discussão em torno da população mais idosa e de outros subgrupos, que existem entre idosos, passa também pela importância do debate sobre o homem comum cujo destino consiste em ser ludibriado, frustrado, segregado, forçado ao trabalho cansativo, submetido à lei da mentira e ao tormento da morte (CERTEAU, 1990).

De qualquer modo, no espaço e durante o tempo em que os que excluem exercem o seu controle, essas pessoas efetuam uma suspensão, nunca total, mas também nunca anulada, do direito. Esse espaço fechado, vigiado em todos os pontos, onde os mínimos movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde o poder pode ser exercido sem partilha segundo uma figura hierárquica contínua – tudo isso constitui o modelo da disciplina sendo instituído na sociedade de uma maneira subliminar. Por mais regular e institucional, que a disciplina tente se mostrar, ela é sempre um contradireito (FOUCAULT, 2013). A disciplina permite, por conseguinte, um tipo de distribuição das pessoas nos diferentes espaços de uma sociedade: hospitais, oficinas, escolas, prisões, casernas. Pedro, o personagem principal do filme *Greta*, trabalhava num hospital, onde impunham-lhe indiretamente um comportamento, uma conduta que atingia também outros espaços, uma vez que seria extremamente danoso para sua reputação ser identificado por pacientes fora do hospital como um gay ou uma transexual. É o fato de poder ser sempre visto que mantém o indivíduo subjugado diante da disciplina. Aparentemente, Pedro só se liberta dessa condição no final do filme, quando surgiria a pergunta: “Ele já estava aposentado? Não temos como esclarecer essa dúvida do leitor”.

Outro conceito importante é o de travessia, entendida como um processo de substantivação social que estabelece a distância percorrida como unidade de espaço. A distância, por sua vez, é um atributo da relação entre duas ou mais realidades, caracterizada pelo grau de separação e pelo estado de contato. Estudar a travessia é, portanto, também estudar o sentido do movimento. A travessia é também tomar lugar, seja através de modos de gestão de distância, seja através da capacidade de domínio de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diferentes técnicas de mobilidade (BERNIER, 2013). Interessa-nos, por conseguinte, a trajetória percorrida por pessoas com determinadas identidades (idosos e seus subgrupos: idosos negros, idosos transexuais, idosos homossexuais, idosos de classes sociais mais humildes, idosas que sofrem discriminação por motivos de gênero) presentes nos filmes e cujas mudanças dos padrões de exclusão são perceptíveis nas diferentes películas com o transcorrer do tempo.

A combinação ampliada de escalas espaciais de desenvolvimento de fenômenos é também uma característica da realidade do final do último século. Dessa forma, temos mundos diferentes que se encontram, mas que também podem não gostar do que encontraram, isto é, o mundo dos negros, dos idosos, mas também o mundo dos ricos, dos homens brancos.

A espacialidade está intimamente associada com a sensação de estar livre, de ter poder e espaço suficiente em que atuar e uma das maneiras desse poder se manifestar é através da locomoção. Uma pessoa idosa move-se com dificuldade crescente. Para uma criança sadia, a escada é uma ligação entre dois andares, um convite para subir e descer; para um idoso, é uma barreira entre dois andares, um aviso para não sair do lugar. (TUAN, 2015). Falas similares a de Tuan foram predominantes na sociedade humana durante muitos anos e isso juntamente com outras referências bibliográficas repercutiram na abordagem do idoso por parte da indústria cinematográfica, assim como nas relações sociais das pessoas. Nos últimos anos, houve, por parte dos estudos, uma tentativa de redimensionar o papel do idoso na sociedade.

A Geriatria e a Gerontologia trabalham com os conceitos de *capacidade funcional*, bem como escalas que efetuam medições do grau de autonomia dos idosos, permitindo que eles ocupem novos espaços, lugares e exerçam mais adequadamente sua espacialidade, fugindo do apinhamento a que estavam submetidos ao longo de vários anos. A capacidade funcional é definida como o manejo independente das atividades da vida diária. As atividades da vida diária (AVD) podem ser hierarquizadas em básicas (ABVD), instrumentais (AIVD) e avançadas (AAVD). As primeiras incluem capacidade para realizar higiene pessoal, alimentação e controle esfinteriano e são importantes para o autocuidado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As atividades instrumentais são mais complexas e incluem a capacidade para preparar refeições, realizar trabalhos domésticos, usar transportes, fazer compras, administrar finanças, as próprias medicações, entre outras. As atividades avançadas são atividades físicas, cognitivas, sociais, de lazer e produtivas, que proporcionam ao idoso contato com a vida social (ORTEGA; STORT; YASSUDA, 2016). Poder-se-ia dizer que se conhecia “mal” o idoso no passado, ou que ele foi reinventado pela Geriatria, como outra figura social na recente medicina. Eles eram retratados por meio de estereótipos, ficando confinados numa espécie de espaço diferenciado e recluso (e em alguma medida, seguindo Tuan, mítico), restrito a casas de repouso, hospitais ou isolados na própria casa. O idoso estava preso no mito do incapacitado, limitado, dependente, religioso e, muitas vezes, da pessoa bem comportada. Era o único papel que lhe cabia.

Sabe-se que, ao longo de sua vida, um ser humano segue certa sequência de aquisição de habilidades: aprende primeiro a andar de bicicleta, depois a guiar um carro esporte, obtendo destreza no manejo da velocidade e percorrendo distâncias cada vez maiores (TUAN, 2015). No entanto, o idoso durante o seu processo de envelhecimento segue, principalmente no caso de demências, o caminho contrário com perdas sistemáticas de funções na ordem inversa das aquisições durante o tempo da infância. Dessa forma, podemos inferir que ele *perde* espaço, à medida que se intensifica o seu processo de envelhecimento, a não ser que intensifiquemos medidas visando um envelhecimento saudável. Em *Chega de Saudade*, Dona Alice é portadora de algum tipo de síndrome demencial, pois, durante o filme, Álvaro pede que a mesma pegue um analgésico e ela sai para realizar essa tarefa, mas no meio do caminho Dona Alice esquece o que tinha que fazer. No retorno, Álvaro pede que ela estabeleça o hábito de anotar num caderno coisas importantes que ela precise fazer. É interessante observar que, em filmes mais antigos, Dona Alice teria seu espaço reduzido e poderia ter sido colocada num asilo, por exemplo, no entanto ela segue participando de bailes com suas limitações. O espaço ganha a conotação de experiência de vida ainda a ser vivida e perde o significado de reminiscências de um pretérito inalcançável. Observa-se também a intenção do filme em surpreender o espectador, na medida em que esse esquecimento só é revelado depois de conhecermos Dona Alice mais profundamente, demonstrando que nem sempre as coisas são como aparentam ser. Essas pessoas podem estar entre nós e ninguém parou para

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

perceber esse detalhe. A passagem retrata bem a realidade da demência em seus quadros iniciais, surpreendendo familiares e amigos. O advento da demência é retratado como uma *perda de si*, a qual se encontra também agenciada como uma *perda de espaço* nas narrativas.

As variações históricas da perda do espaço é, portanto, uma questão fundamental nas narrativas voltadas aos idosos e que realizam um agenciamento das suas práticas sociais. Este aspecto pode ser observado em filmes e narrativas também se abordarmos o tema do ponto de vista das hierarquias sociais. Uma vez que o espaço também pode ser estudado sob a perspectiva do recurso que produz riqueza, prestígio e poder quando adequadamente explorado, observamos que os sujeitos masculinos mais importantes ocupam e têm acesso a mais espaço do que os menos importantes². Esse fato serve para entendermos que variáveis sociais interferem na capacidade do idoso adquirir mais ou menos espaço e, dessa maneira, investigar também outros fatores envolvidos como etnia, sexo, orientação sexual. No filme brasileiro *Greta*, por exemplo, percebemos que o personagem principal interpretado por Marco Nanini está restrito a um pequeno apartamento, além de sofrer uma limitação no que diz respeito ao número de amigos que possui e, conseqüentemente, no número de espaços que frequenta. Na luta por atender suas necessidades pessoais em detrimento das imposições culturais da civilização, Pedro criou um conflito irreconciliável com a sociedade sem possibilidade de alguma espécie de negociação, o que contribuiu com seu isolamento (FREUD, 1978).

Por outro lado, à medida que as pessoas ocupam o espaço, a sensação de espacialidade passa ao seu oposto – *apinhamento*. Podemos dizer que uma floresta está apinhada de árvores e um quarto está apinhado de bugigangas. Contudo, são as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço. (TUAN, 2015). Havia nitidamente, em *Greta*, um longo processo de apinhamento da personagem principal que foi agravado pelo fato de Pedro não ser uma pessoa “resolvida” quanto a sua sexualidade, quando comparado a sua amiga transexual Daniela. Apesar de morar em Fortaleza, Pedro a considerava apinhada. Geralmente, as pessoas consideram as pequenas cidades apinhadas em um sentido econômico porque não

² Tuan já discorria sobre o assunto ao afirmar que um ego agressivo exige incessantemente mais espaços para se movimentar (TUAN, 2015).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

oferecem empregos suficientes, e em um sentido psicológico porque impõem muitas restrições sociais ao seu comportamento, mas esse não era o caso de Pedro. Como numa cidade pequena, ele se sentia observado. No final, foi o que Daniela conseguiu fazer por Pedro, isto é, ampliar seu mundo. Era necessário mostrar a Pedro que ele não dependia do poder da sociedade para dominar o *seu* espaço. Ele precisava acreditar na sua autoconfiança e ousadia, adaptando-se a um ambiente difícil e se sentindo ao longo do tempo seguro numa situação de constantes mudanças. Desse modo, transforma-se um espaço num mundo familiar de lugares e caminhos a seguir.

No entanto, no interior de sua própria casa, Pedro conseguia ser mais coerente com sua história de vida e seus desejos e isso é perfeitamente explicado, porque as pessoas sabem melhor quem elas são e como devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não quando o ambiente é a própria natureza, embora o interior de sua casa ainda refletisse um pouco seu estado de espírito, pois morava num apartamento escuro, desorganizado, mal acabado e principalmente pequeno. O espaço em nosso mundo contemporâneo pode ser planejado e ordenado para chamar a atenção para a hierarquia social. O espaço arquitetônico continua a articular a ordem social, embora talvez com menos estardalhaço e rigidez do que no passado. (TUAN, 2015).

De qualquer maneira, nas interações entre as personagens do filme *Greta*, é perceptível o poder do discurso na criação de um espaço de exclusão nas práticas socioculturais, isto é, a maneira como elementos textuais e de fala representam discurso e ressignificam identidades de grupo e de pessoas em situação de exclusão para manter relações assimétricas de poder, uma vez que o poder atua na produção de uma estrutura binária de gênero (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017).

Por tudo já descrito, percebe-se que a função do idoso na sociedade decresceu em termos de importância ao longo dos séculos, levando-o mais recentemente a ser vítima de discriminação. Devido a essa situação, várias medidas foram tomadas com o intuito de garantir direitos fundamentais, dentre elas: a Constituição e o Estatuto do Idoso. O Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003) determinou que o Poder Público deveria possibilitar a pessoa idosa o acesso a Cultura e a Educação entre outros direitos (MAFRA; DEMARCHI, 2010). Algumas das medidas foram absolvidas pela sociedade, no entanto outras permanecem como expectativas futuras. De qualquer maneira, todos esses esforços

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ampliaram espaços para idosos e visões sobre eles, assim como foram influenciadas por esses novos entendimentos sobre o sujeito idoso.

Considerações finais

Apesar de termos atingidos alguns dos objetivos iniciais da pesquisa, percebemos que para o aprofundamento e ampliação da temática escolhida seria necessário a ampliação do número de filmes selecionados durante esse período de 1997 a 2020. Esse processo já se iniciou com a seleção intencional para a análise de películas como *Santiago* (2007), *Aquarius* (2016), *Bacurau* (2019) e deverá seguir até o momento em que o autor detectar um processo de saturação das informações colhidas qualitativamente, isto é, até que se note uma repetição excessiva dos temas abordados entre os diversos filmes ou que o acréscimo de informações com a inserção de novas películas esteja se tornando mínimo. No entanto, com os dados iniciais, é perceptível que os idosos e seus diversos subgrupos ganham, no transcorrer do tempo, mais espaços culturais e autonomia. Isto serve como um fator mobilizador a todos que lutam pela continuidade desses avanços e contra qualquer tipo de retrocesso.

Referências bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. **Varia História**. 2006; 22(36): 460-475. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a12.pdf>. Acesso em: 13 de set de 2020.

BATISTONI, Samira Sathler Tavares; NAMBA, Carina Sayuri. Idade subjetiva e suas relações com o envelhecimento bem-sucedido. **Psicologia em Estudo**. 2010; 15(4): 733-742. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v15n4/v15n4a08#:~:text=O%20conceito%20de%20idade%20cronol%C3%B3gica,conjunto%20de%20mudan%C3%A7as%20esperadas%20em>. Acesso em: 05 de nov de 2020.

BERNIER, Xavier. Espace et spatialités du transverser. **EspacesTemps.net**, 2013. Disponível em: <https://www.espacestemp.net/en/articles/espace-et-spatialites-du-transverser-2/#reference>. Acesso em: 24 de set de 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BULEON, Pascal. Spatialités, temporalités, pensée complexe et logique dialectique moderne. **EspacesTemps.net**, 2002. Disponível em: <https://www.espacestemp.net/articles/evolution-sciences-sociales/#reference>. Acesso em: 24 de set de 2020.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In: Freitas, Elizabete Viana de, Py, Lígia. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2016. p. 62-65.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. 3. Ed. Petrópolis: Editora vozes. 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão**. 1.Ed. Lisboa: Edições 70. 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de J. O. de A. Abreu. 1. Ed. São Paulo: Abril Cultural. 1978. Coleção Os Pensadores.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horizontes Antropológicos**. 2017. 47(23):283-323. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v23n47/0104-7183-ha-23-47-0283.pdf>. Acesso em 09 de set de 2020.

MAFRA, Juliete Ruana; DEMARCHI, Clóvis. O direito à educação e à cultura e o estatuto do idoso. **Revista Eletrônica Direito e Política**. 2010; 5(1): 23-41. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/6120>. Acesso em: 25 de nov de 2020.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. 1. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2017.

MERRIMAN, Peter et al. Space and spatiality in theory. **Dialogues in Human Geography**. 2012; 2(1): 3-22. Disponível em:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

<https://www.geog.ucla.edu/sites/default/files/users/esheppard/523.pdf>. Acesso em: 13 de set de 2020.

MORAES NETTO, Vinicius. A urbanidade como devir do urbano. **EURE**. 2013; 39(118): 233-263. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/eure/v39n118/art10.pdf>. Acesso em: 13 de set de 2020.

NAGIB, Lucia. **Utopia no cinema brasileiro**. 1. Ed. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.

ORTEGA, Luciane de Fátima Viola; STORT, Denise Ribeiro; YASSUDA, Mônica. Avaliação neuropsicológica em idosos. In: Freitas, Elizabete Viana de, Py, Lígia. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2016. p. 1433-1438.

PÊCHEUX, Michel. **Automatic Discourse Analysis**. 1. Ed. Amsterdam: Editions Rodopi B. V. 1995.

PIMENTEL, Thiago Duarte; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE. BR**. 2011; 9(1): 1-21. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n1/v9n1a02.pdf>. Acesso em: 13 de set de 2020.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1. Ed. Londrina: Eduel. 2015.

Wilde, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. 1. Ed. São Paulo: Abril Controljornal. 2000, p.30

B – Filmografia

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. [S.I.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. DVD (110min), son., color.

CHEGA de saudade. Direção: Laís Bodanzky. Produção: Caio Gullane, Fabiano Gullane, Débora Ivanov, Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. Gullane, Buriti Filmes, 1989. DVD (95min), son., color.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

GRETA. Direção: Armando Praça. Produção: Armando Praça, Nara Aragão e João Vieira Júnior. Segredo Filmes, Carnaval Filmes, 2019. Now (Claro) (97min), son., color. Disponível em: Acesso em: 09/05/2020.